

CAPÍTULO XII¹

Um episódio de 1814²

Mas eu não quero passar adiante, sem contar sumariamente um galante episódio de 1814; tinha nove anos.

Napoleão, quando eu nasci, estava já em todo o esplendor da glória e do poder; era imperador e granjeara inteiramente a admiração dos homens. Meu pai, que à força de persuadir os outros da nossa nobreza, acabara persuadindo-se a si próprio, nutria contra ele um ódio puramente mental. Era isso motivo de renhidas contendas em nossa casa, porque meu tio João, não sei se por espírito de classe e simpatia de ofício, perdoava no déspota o que admirava no general, meu tio padre era inflexível contra o corso, os outros parentes dividiam-se; daí as controvérsias e as rusgas.

Chegando ao Rio de Janeiro a notícia da primeira queda de Napoleão, houve naturalmente grande abalo em nossa casa, mas nenhum chasco ou remoque. Os vencidos, testemunhas do regozijo público, julgaram mais decoroso o silêncio; alguns foram além e bateram palmas. A população, cordialmente alegre, não regateou demonstrações de afeto à real família; houve iluminações, salvas, *Te-Deum*, cortejo e aclamações. Figurei nesses dias com um espadim novo, que meu padrinho me dera no dia de Santo Antônio:³ e, francamente, interessava-me mais o espadim do que a queda de Bonaparte. Nunca me esqueceu esse fenômeno. Nunca mais deixei de pensar comigo que o nosso espadim é sempre maior do que a espada de Napoleão. E notem que eu ouvi muito discurso, quando era vivo, li muita página rumorosa de grandes ideias e maiores palavras, mas não sei por quê,⁴ no fundo dos aplausos que me arrancavam da boca, lá ecoava alguma vez este conceito de experimentado:

– Vai-te embora, tu só cuidas do espadim.

Não se contentou a minha família em⁵ ter um quinhão anônimo no regozijo público; entendeu oportuno e indispensável celebrar a destituição do imperador com um jantar, e tal jantar que o ruído das aclamações chegasse aos ouvidos de Sua Alteza, ou⁶ quando menos, de seus ministros. Dito e feito. Veio abaixo toda a velha prataria, herdada do meu avô Luís Cubas; vieram as toalhas de Flandres, as grandes jarras da Índia; matou-se um capado; encomendaram-se às madres da Ajuda as compotas e

¹ CAPÍTULO XII] CAPÍTULO XII. – em MPBC1-1880.

² **Um episódio de 1814**] UM EPISÓDIO DE 1814. – em MPBC1-1880.

³ Santo Antônio;] Santo Antônio: – em MPBC3-1896, em MPBC4-1899.

⁴ por quê,] porque, – em MPBC1-1880, em MPBC2-1881, em MPBC3-1896, em MPBC4-1899 e em MPBCEC-1960.

⁵ em] en – em MPBC3-1896.

⁶ ou] ou, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

marmeladas; lavaram-se, arearam-se, poliram-se as salas, escadas, castiçais, arandelas, as vastas mangas de vidro, todos os aparelhos do luxo clássico.

Dada a hora, achou-se reunida uma sociedade seleta, o juiz de fora, três ou quatro oficiais militares, alguns comerciantes e letrados, vários funcionários da administração, uns com suas mulheres e filhas, outros sem elas, mas todos comungando no desejo de atolar a memória de Bonaparte no papo de um peru. Não era um jantar, mas um *Te-Deum*; foi o que pouco mais ou menos disse um dos letrados presentes, o Dr. Vilaça, glosador insigne, que acrescentou aos pratos de casa o acepipe das musas. Lembra-me, como se fosse ontem, lembra-me de o ver erguer-se, com a sua longa cabeleira de rabicho, casaca de seda, uma esmeralda no dedo, pedir a meu tio padre que lhe repetisse o mote, e, repetido o mote, cravar os olhos na testa de uma senhora, depois tossir, alçar a mão direita, toda fechada, menos o dedo índice, que apontava para o teto; e, assim posto e composto, devolver o mote glosado. Não fez uma glosa, mas três; depois jurou aos seus deuses não acabar mais. Pedia um mote, davam-lho, ele glosava-o prontamente, e logo pedia outro e mais outro; a tal ponto que uma das senhoras presentes não pôde calar a sua grande admiração.

– A senhora diz isso, retorquia modestamente o Vilaça, porque nunca ouviu o Bocage, como eu ouvi, no fim do século, em Lisboa. Aquilo sim! que facilidade! e que versos! Tivemos lutas de uma e duas horas, no botequim do Nicola, a glosarmos, no meio de palmas e bravos. Imenso talento o do Bocage! Era o que me dizia, há dias, a Sra. duquesa de Cadaval...

E estas três palavras últimas, expressas com muita ênfasis,⁷ produziram em toda a assembleia um frêmito de admiração e pasmo. Pois esse homem tão dado, tão simples, além de pleitear com poetas, discreteava com duquesas! Um Bocage e uma Cadaval! Ao contato de tal homem, as damas sentiam-se superfinas; os varões olhavam-no com respeito, alguns com inveja, não raros com incredulidade. Ele, entretanto, ia caminho, a acumular adjetivo sobre adjetivo, advérbio sobre advérbio, a desfiar todas as rimas de *tirano* e de *usurpador*. Era à sobremesa; ninguém já pensava em comer. No intervalo das glosas, corria um borborinho alegre, um palavrear de estômagos satisfeitos; os olhos⁸ moles e úmidos, ou vivos e cálidos, espreguiçavam-se ou saltitavam de uma ponta à⁹ outra da mesa, atulhada de doces e frutas, aqui o ananás em fatias, ali o melão em talhadas, as compoteiras de cristal deixando ver o doce de coco, finamente ralado, amarelo como uma gema, – ou então o melado escuro e grosso, não longe do queijo e do cará. De quando em quando um riso jovial, amplo, desabotoado, um riso de família, vinha quebrar a gravidade política do banquete. No meio do interesse grande e comum,

⁷ Ver a justificativa desta grafia – ênfasis – no artigo “Uma nova edição das *Memórias póstumas de Brás Cubas* – por quê?”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

⁸ olhos] olhos, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

⁹ à] a – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

agitavam-se também os pequenos e particulares. As moças falavam das modinhas que haviam de cantar ao cravo, e do minuete e do solo inglês; nem faltava matrona que promettesse bailar um oitavado de compasso, só para mostrar como folgara nos seus bons tempos de criança. Um sujeito, ao pé de mim, dava a outro notícia recente dos negros novos, que estavam a vir, segundo cartas que recebera de Luanda, uma carta em que o sobrinho lhe dizia ter já negociado cerca de quarenta cabeças, e outra carta em que...¹⁰ Trazia-as justamente¹¹ na algibeira, mas não as podia ler naquela ocasião. O que afiançava é que podíamos contar, só nessa viagem, uns cento e vinte negros, pelo menos.

– Trás... trás... trás... fazia o Vilaça batendo com as mãos uma na outra. O rumor cessava de súbito, como um estacado de orquestra, e todos os olhos se voltavam para o glosador. Quem ficava longe aconcheava a mão atrás da orelha para não perder palavra; a mor parte, antes mesmo da glosa, tinha já um meio riso de aplauso, trivial e cândido.

Quanto a mim, lá estava, solitário e deslembado, a namorar certa¹² compota da minha paixão.¹³ No fim de cada glosa ficava muito contente, esperando que fosse a última,¹⁴ mas não era, e a sobremesa continuava intacta. Ninguém se lembrava de dar a primeira voz. Meu pai, à cabeceira, saboreava a goles extensos¹⁵ a alegria dos convivas, mirava-se todo nos carões alegres, nos pratos, nas flores, deliciava-se com a familiaridade travada entre os mais distantes espíritos, influxo de um bom jantar. Eu via isso, porque arrastava os olhos da compota para ele e dele para a compota, como a pedir-lhe que ma servisse; mas fazia-o em vão. Ele não via nada; via-se a si mesmo. E as glosas sucediam-se, como bategas d'água, obrigando-me a recolher o desejo e o pedido. Pacientei quanto pude; e não pude muito. Pedi em voz baixa o doce; enfim, bradei, berrei, bati com os pés. Meu pai, que seria¹⁶ capaz de me dar o sol, se eu lho exigisse, chamou um escravo para me servir o doce; mas era tarde. A tia Emerenciana arrancara-me da cadeira e entregara-me a uma escrava, não obstante os meus gritos e repelões.

Não foi outro o delito do glosador: retardara a compota e dera causa à minha exclusão. Tanto bastou para que eu cogitasse uma vingança, qualquer que fosse, mas grande e exemplar, cousa que de alguma maneira o tornasse ridículo. Que ele era um homem grave o Dr. Vilaça, medido e lento, quarenta e sete anos, casado e pai. Não me contentava o rabo de papel nem o rabicho da cabeleira; havia de ser cousa pior. Entrei a

¹⁰ que...] que.. – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

¹¹ justamente] justamento – em MPBC3-1896 e em MPBC4-1899.

¹² certa] uma certa – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

¹³ paixão.] feição. – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

¹⁴ última,] última; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

¹⁵ extensos] extensos, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

¹⁶ seria] seriaz – em MPBC3-1896 e em MPBC4-1899.

espreitá-lo, durante o resto da tarde, a segui-lo, na chácara, aonde todos desceram a passear. Vi-o conversar com D. Eusébia, irmã do sargento-mor Domingues, uma robusta donzelona, que se não era bonita, também não era feia.

– Estou muito zangada com o senhor,¹⁷ dizia ela.

– Por quê?

– Porque... não sei por quê...¹⁸ porque é a minha sina... creio às vezes que é melhor morrer...

Tinham penetrado numa pequena moita; era lusco-fusco; eu segui-os. O Vilaça levava nos olhos umas chispas de vinho e de volúpia.

– Deixe-me, disse ela.

– Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que ideias são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias, de paixão, de saudades...

D. Eusébia levou o lenço aos olhos. O glosador vasculhava na memória algum pedaço literário,¹⁹ e achou este, que mais tarde verifiquei ser de uma das óperas do Judeu:

– Não chores, meu bem; não queiras que o dia amanheça com duas auroras.

Disse isto; puxou-a para si; ela resistiu um pouco, mas deixou-se ir; uniram os rostos, e eu ouvi estalar, muito ao de leve, um beijo, o mais medroso dos beijos.

– O Dr. Vilaça deu um beijo em D. Eusébia! bradei eu correndo pela chácara.

Foi um estouro esta minha palavra; a estupefação imobilizou a todos; os olhos espraivavam-se a uma e outra banda; trocavam-se sorrisos, segredos, à socapa, as mães arrastavam as filhas, pretextando o sereno. Meu pai puxou-me as orelhas, disfarçadamente, irritado deveras com a indiscrição; mas²⁰ no dia seguinte, ao almoço, lembrando o caso, sacudiu-me o nariz, a rir: Ah!²¹ brejeiro! ah! brejeiro!

¹⁷ senhor,] senhor – em MPBC3-1896 e em MPBC4-1899.

¹⁸ por quê...] porque.... – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881; porque... – em MPBC3-1896, em MPBC4-1899 e em MPBCEC-1960.

¹⁹ literário,] literário – em MPBCEC-1960. Em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881 há vírgula (que, embora possa ser suprimida, nos pareceu boa e conveniente à configuração narrativa). Em MPBC3-1896 e em MPBC4-1899, a vírgula nos pareceu mal-impressa.

²⁰ mas] mas, – em MPBCEC-1960.

²¹ Ah!] – Ah! – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.